



ID: 91813657

19-03-2021 | Fusões & Aquisições

PERSPETIVA

Otimismo com olhos postos em novas oportunidades

Advogados de negócios e assessores financeiros consideram que consequências da crise pandémica também vão mexer com o mercado.

JOÃO BARROS
E MARIANA BANDEIRA
jbarros@jornaleconomico.pt

O mercado português de fusões e aquisições (M&A - *mergers and acquisitions*) mostrou resiliência, no ano passado, acabando a crescer em valor, ainda que com menos operações. Essa tendência manteve-se nos dois primeiros meses de 2021 (ver artigo neste Especial), o que justifica o otimismo com que os advogados de negócios e assessores financeiros contactados pelo Jornal Económico (JE) encaram o resto do ano, apesar da incerteza inerente à evolução da pandemia.

Se antes existiam oportunidades que estavam a ser exploradas, a crise pandémica, pelo seu carácter assimétrico - com empresas que ficaram impedidas de desenvolver a sua atividade, enquanto outras prosperaram e atingiram taxas de crescimento mais significativas do que aquelas que poderiam ambicionar numa situação de "business as usual". Este quadro cria oportunidades de investimento de dois tipos: por um lado, empresas que, face a uma expansão rápida, têm grandes necessidades de financiamento, e, por outro, firmas que, face à quebra abrupta da atividade, terão de se submeter a processos de reestruturação, como affiança João Santos, *managing partner* da Tradinvest.

"Os sectores que mantiveram a atividade neste período [...] irão continuar muito ativos e a estes juntar-se-ão os que se retraíram durante esta inigualável crise sanitária. Fruto do encerramento de alguns sectores da economia e do final das moratórias, iremos ter também um crescimento de transações de empresas em dificuldades, que irão reforçar presença no mercado transaccional", antecipa.

Tecnologia e imobiliário, mas também energia e banca

Os sectores das tecnologias da informação e imobiliário têm dominado as fusões e aquisições em Portugal - tanto antes como durante a crise pandémica - e, apesar de não se vislumbrar uma quebra de dinamismo nestas atividades, os assessores anteveem uma série de movimentos no sector da energia - sobretudo na transição energética e energias renováveis - e na banca.

Tomás Vaz Pinto, sócio da Mo-

rais Leitão, garante que há sinais concretos do interesse por parte dos investidores. "Basta ver o recente processo de aumento de capital da EDP Renováveis através de um processo de *accelerated bookbuilding* [ABB]. É verdade que o ano de 2020 foi muito forte e por isso replicar um ano desses seria sempre difícil, em qualquer contexto, ainda assim, existem já algumas operações interessantes em progresso que, porventura, só daqui a alguns meses poderão estar concluídas e comunicadas", diz ao JE. O coordenador do departamento de M&A da MLGTS admite que o confinamento não ajuda no desenrolar das operações, mas, como o teletrabalho é uma realidade à qual a sociedade se habituou, "os negócios não param".



JOÃO NUNO PALMA
Vice-presidente da comissão executiva do Millennium BCP



TOMÁS VAZ PINTO
Sócio da Morais Leitão



CATARINA TAVARES LOUREIRO
Sócia da Uría Menéndez - Proença de Carvalho

"Existem sinais encorajadores para a saída da crise pandémica e, por isso, esperamos que no segundo semestre as coisas se aproximem da normalidade, baixando significativamente o grau de incerteza que tanto afeta este mercado", sublinha.

Catarina Tavares Loureiro, sócia da Uría Menéndez - Proença de Carvalho, também considera que há motivos para antever que em 2021 o mercado estará ativo, pois existe disponibilidade financeira e "os investidores institucionais, sobretudo fundos, continuam ativamente à procura de oportunidades de investimento". A advogada espera que este ano cheguem ao mercado *distressed assets* [ativos com preço abaixado do valor geral de mercado], "que representarão boas oportunidades de negócio".

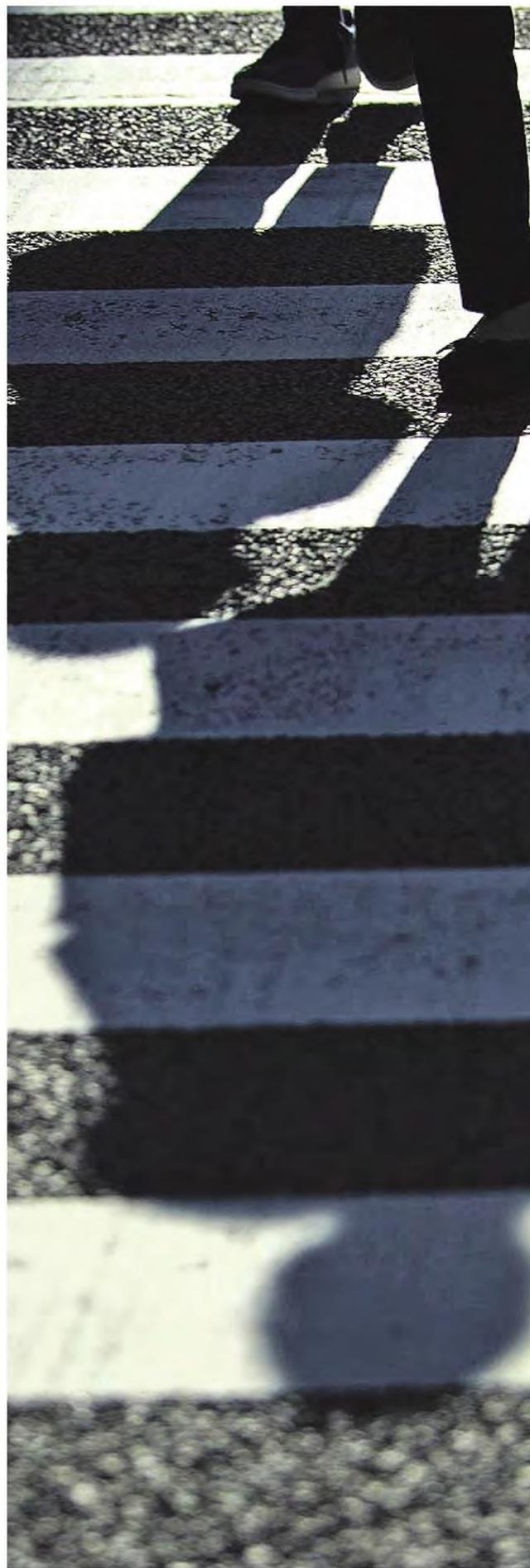
"O M&A deverá ser mais uma vez um instrumento aos serviços dos investidores e das empresas para lidar com os desafios desta crise, ajudando-os a redirecionar estratégias e a promover as políticas de investimento ou desinvestimento mais adequadas a lidar com o novo contexto económico", afirma, recordando que algumas das maiores operações dos últimos anos foram concluídas em 2020, nomeadamente no sector das infraestruturas e da energia.

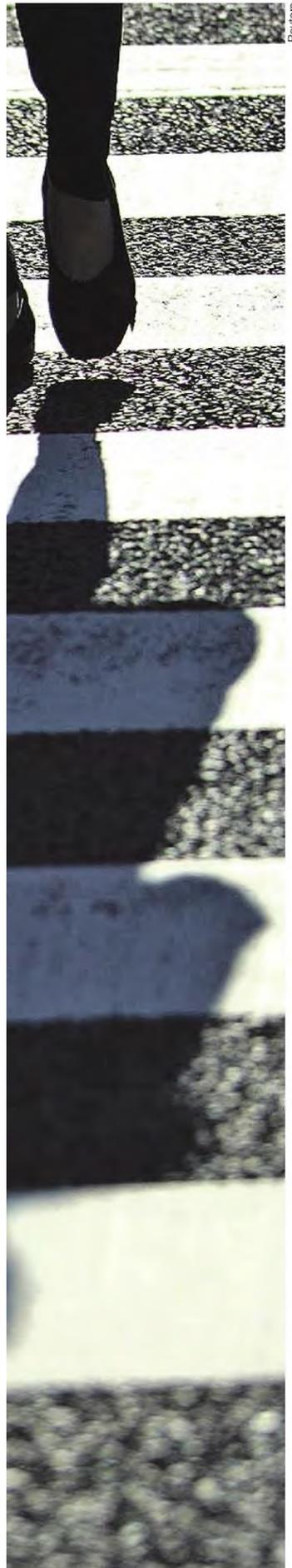
Igual perspetiva tem Luís Vasconcelos, responsável pela Área de M&A do Haitong Bank, que destaca a "atividade associada à estabilidade política e regulatória" que se verifica em Portugal como um fator determinante na atração "de *players* internacionais que veem em Portugal uma oportunidade competitiva para a aquisição de competências e potencial prestação de serviços em formato *nearshore* [fornecimento externo, no estrangeiro, mas geograficamente perto do cliente], pelo facto de Portugal ter recursos humanos altamente qualificados a preços competitivos", acrescenta.

A qualidade do capital humano especializado português é também refletida no elevado número de *startups* presentes no país, que reúnem interesse de investidores de risco que veem em Portugal um novo óásis de inovação.

Este país é para 'startups'

"O mercado de *private equity* em Portugal, tanto na componente privada como pública, tem historicamente apresentado bastante dina-





Reuters

DESAFIOS PROCESSUAIS CRIADOS PELA PANDEMIA

A crise pandémica alterou a forma como as operações de fusões e aquisições são desenvolvidas, do mesmo modo que impactou as mais diversas atividades.

Questionados pelo Jornal Económico, os responsáveis do grupo Marsh McLennan identificam três grandes desafios que têm de ser antecipados nos processos de fusões e aquisições neste quadro condicionado, "no âmbito de riscos relacionados com pessoas".

Primeiro, o "relacionamento interpessoal pré-aquisição é mais difícil, o que pode dificultar o processo de *due diligence* na perspectiva da gestão de pessoas", refere Marta Frazão, da consultora Mercer, e Pedro Pereira, da Marsh Portugal. Depois, "as estratégias de integração são tendencialmente mais lentas, o que poderá dificultar o processo de implementação do novo modelo operacional pretendido", acrescentam. Finalmente, a "integração e assimilação cultural, fatores críticos para a retenção e motivação dos colaboradores na nova estrutura", também são afetados.

Com base na sua investigação e experiência com investidores internacionais, o grupo antecipa, ainda, duas tendências: um foco maior na identificação de ameaças dos ativos-alvo (*risk due diligence*) e a utilização de cada vez mais mecanismos de transferência de risco nas garantias dos acordos de compra e venda (*W&I insurance*) e contingências (*specific liability*).

mismo no apoio a *startups* nacionais. Sendo certo que a *pool* de capital disponível para apoiar os novos projetos pode, por vezes, não ser suficiente para acudir na sua totalidade às necessidades das *startups* nacionais, tem sido uma alavanca fundamental para o apoio nas fases iniciais de desenvolvimento dos projetos", destaca Marco Lourenço, diretor coordenador de M&A e Mercado de Capitais do CaixaBI. Esta é, portanto, uma vertente do tecido empresarial nacional que, em simbiose com o mercado de *private equity* e de capital de risco, vai crescendo e dotando Portugal de conhecidos casos de sucesso.

Finalmente, a tendência de digitalização será um motivo para muitas empresas optarem por operações deste tipo, num esforço para se adaptarem a uma realidade cada vez mais desmaterializada e tecnológica. Isso mesmo refere João Nuno Palma, vice-presidente da comissão executiva do Millennium BCP e responsável pela área de Banca de Investimento, que relembra os casos passados em que "estas transações serviram de veículo transformacional para empresas com uma longa história" nos mais variados sectores.

"É natural que, na senda do que se tem observado a nível internacional, empresas nacionais já estabelecidas nos mais diversos setores de atividade acelerem a sua transição digital com a aquisição de competências através de M&A, em alternativa a desenvolverem-nas organicamente", conclui. ●



TALKS

Acompanhe em direto na plataforma multimédia JE TV, em www.jornaleconomico.pt

25 março | 17h00

Saiba como está o mercado de M&A e quais as perspetivas para 2021. **Esperamos por si!**

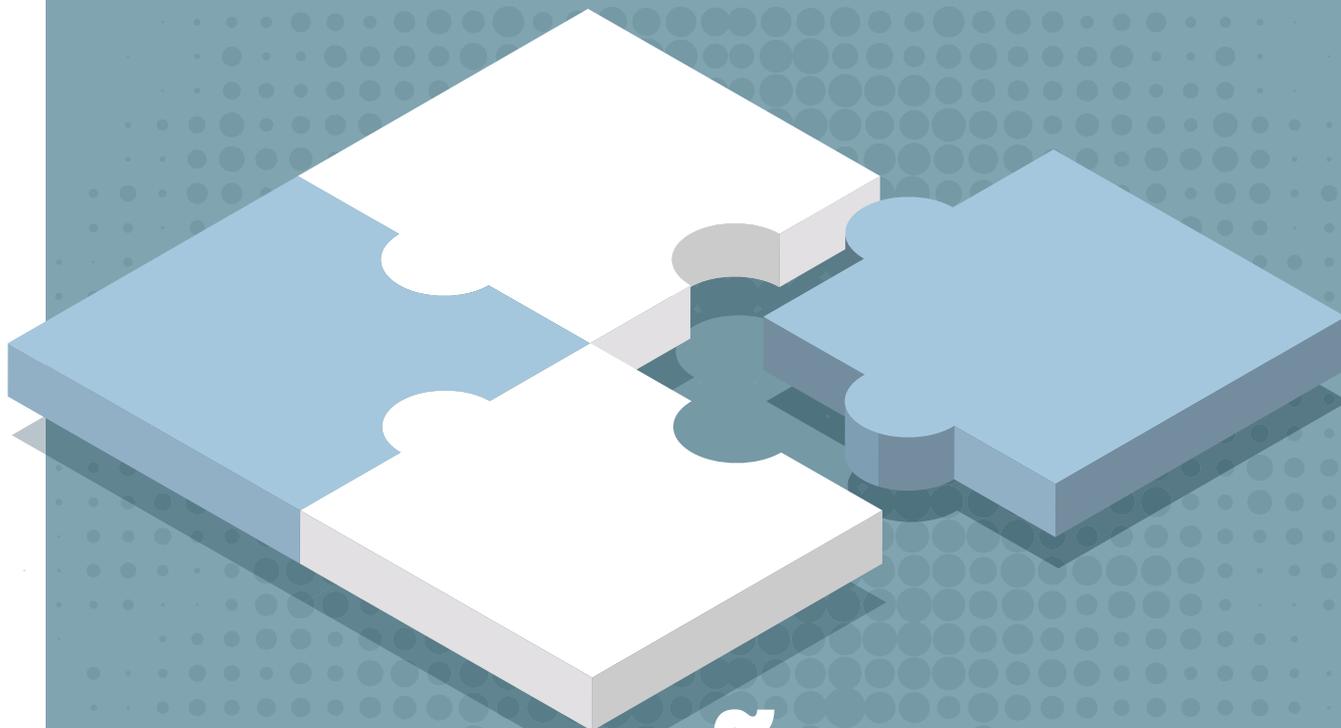
Convidados:

Este suplemento faz parte integrante do Jornal Económico N° 2085 não pode ser vendido separadamente

19 março 2021 | ESPECIAL



ESPECIAL



FUSÕES & AQUISIÇÕES

TENDÊNCIA DE CRESCIMENTO CIMENTA OTIMISMO PARA 2021

O mercado de fusões e aquisições em Portugal mostrou ser resiliente e cresceu, apesar da crise pandémica. Os primeiros dados de 2021 e as perspetivas de novas oportunidades de negócio fazem com que os principais agentes do mercado olhem para o resto do ano com otimismo, antecipando a continuação da tendência de crescimento.

MERCADO TRANSACIONAL

BCP, Garrigues, Morais Leitão e Santander por trás de mais e maiores transações ● II

ENTREVISTA

Oliver Hill
Editor do TTR - Transactional Track Record

“China está interessada na consolidação da banca portuguesa” ● VIII



PÓS-PANDEMIA

Condições atuais são propícias ao aumento dos negócios ● X

FÓRUM

Que tendências no mercado de fusões e aquisições esperam com a abertura progressiva das economias? ● XII